

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EM ARQUIVOS**

**O USO DA MEMÓRIA COMO MEIO DE
PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA
CULTURA SOCIAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Liziani de Souza Deglinomini

Santa Maria, RS, Brasil

2014

O USO DA MEMÓRIA COMO MEIO DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA SOCIAL

Liziani de Souza Deglinomini

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação à Distância em
Gestão em Arquivos da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM,RS), com requisito parcial para a obtenção de grau de
Especialista em Gestão de Arquivos

Orientadora: Prof.^a Maria Alcione Munhoz

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA EM
GESTÃO EM ARQUIVOS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**O USO DA MEMÓRIA COMO MEIO DE PRESERVAÇÃO DA
HISTÓRIA E DA CULTURA SOCIAL**

elaborada por
Liziani de Souza Deglinomini

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista de Gestão em Arquivos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Maria Alcione Munhoz, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Carlos Blaya Perez, Dr. (UFSM)

Rosani Beatriz Pivetta da Silva, Ms. (UFSM)

Santa Maria, 05 de dezembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Anjo Guardião, por estar sempre ao meu lado, zelando e orientando meus passos e pensamentos;

Agradeço a minha mãe, por ter sido sempre a base da minha caminhada;

Agradeço ao meu amor, meu noivo, Alex, pela compreensão e pelo carinho de todos os dias;

Agradeço a minha amiga-irmã Natália Possebon, pela sua amizade e pela gentileza de participar no processo de construção desse trabalho;

Agradeço à minha futura colega Ivanita Bordignon, por me ensinar as bases da nossa profissão;

Agradeço a minha Professora orientadora e os demais professores da banca, por disponibilizar seu tempo para que eu pudesse realizar a apresentação do meu trabalho;

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Gestão de Arquivos
Universidade Federal de Santa Maria

O USO DA MEMÓRIA COMO MEIO DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA SOCIAL

Autora: Liziani de Souza Deglinomini

Orientadora: Maria Alcione Munhoz

Data e local da defesa: Santa Maria, 05 de dezembro de 2014.

A memória pode ser tanto individual quanto coletiva, porém ambas em determinado momento se entrelaçam em direção à construção social. A perda da memória social pode representar o fim da identidade de uma sociedade. A fim de que isso não ocorra, é necessário reconstruir a memória dos grupos sociais, despertando nos indivíduos o sentimento de que é um sujeito atuante em seu meio social. Neste sentido, para atingir os objetivos desse trabalho foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica em periódicos, monografias e dissertações que retratam o tema memória e sua relação com a cultura social, como forma de preservação da memória. Também para a ilustração da pesquisa, foi realizado um estudo de caso, que partiu da análise de um Trabalho Final de Graduação intitulado, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: O que podem nos contar sobre os alunos de Educação de Jovens e Adultos? Ao fim desse trabalho, foi possível chegar a conclusão que é a partir da relação que o sujeito cria, com o contexto em que vive, que será possível resgatar e preservar a memória, tanto individual quanto coletiva. Pois é através dos significados que são criados pelo indivíduo, que será possível o entrelaçamento entre ambas memórias, contribuindo, dessa forma, para a construção e a preservação da memória social.

Palavras-chave: Arquivo. Memória Coletiva. Preservação Social.

ABSTRACT

Monograph of especialization
Programa de Pós-Graduação em Gestão de Arquivos
Universidade Federal de Santa Maria

O USO DA MEMÓRIA COMO MEIO DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA SOCIAL

Author: Liziani de Souza Deglinomini

Advisor: Maria Alcione Munhoz

Date and Location of Defense: Santa Maria, 05 de December 2014.

Memory can be both individual and collective, but at any given time both intertwine towards social construction. The loss of social memory may represent the end of the identity of a society. In order to avoid this, it is necessary to rescue the memory of social groups, awakening in people a sense that is an active subject in their social environment. In order to achieve the objectives of this study was first conducted a literature search and subsequent research in journals, monographs and essays featuring the theme memory and its relationship with social equity as a way to preserve the memory. What can you tell us about the students of the Youth and Adult Education: a case study, which started from the analysis of a Final Work Undergraduate entitled, MEMORY AND PHOTOGRAPHY was also for the illustration of the research conducted? To finish this work, come to the conclusion that is based on the relationship that the subject creates the context in which it lives, it will be possible to rescue and preserve the memory, both individual and collective. For it is through the meanings that are created by the individual who will be the entanglement between the two memories, thereby contributing to the social construction and preservation.

Keywords: Single Memory. Collective Memory. Social Preservation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivos	8
1.2 Justificativa.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Memória individual e coletiva: Preservação da Cultura Social.	10
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	14
3.1 Uma análise sobre a produção existente com o tema memória e sua relação com a história pessoal e social.	14
3.2 Um estudo de caso sobre a memória pessoal e social.....	19
4 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	26
5 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O homem há muitos anos iniciou seu processo de evolução, passou a andar em bandos e registrar suas descobertas nas paredes das cavernas, como forma de registrar e simbolizar a sua época, construindo assim, parte da história das civilizações. Através dessa evolução, a espécie humana constitui sua identidade social partindo da percepção de que pertence a um grupo social¹, e que dele faz parte.

Atualmente, o processo de construção da identidade social, tornou-se algo mais abrangente do que em tempos remotos. Fazer parte de um grupo é uma questão de escolha, de definir qual o grupo de referência seguir, qual seria o ideal para dividir conceitos, expressar ideias e pensamentos.

A partir dessas percepções, propus pesquisar neste trabalho de que forma a memória se manifesta e se efetiva na construção da sociedade. De certa maneira, motivada para aprofundar aspectos relacionados às temáticas no Curso de Especialização à Distância em Gestão de Arquivos. No curso, tivemos a oportunidade de analisar diferentes culturas, identidades, assim como estudar as formas de preservação de documentos. Também e não menos importante, nos foi dada a oportunidade de analisarmos nosso papel enquanto cidadãos pertencentes à sociedade que vivemos.

Neste sentido, a partir dessa compreensão, optei por propor, nessa monografia, um estudo sobre memória e sua relação com a história pessoal e social, tendo como pressuposto o respeito ao patrimônio social e a memória como o processo das construções sociais estabelecidas por grupos.

A partir desse ponto, foi possível analisar as múltiplas relações existentes entre os indivíduos e os caminhos escolhidos para que possam chegar a compreensão de si e das relações estabelecidas em seu grupo de referência. Pois, essas relações que se estabelecem ao longo dos tempos, serão o ponto de partida para a construção e a permanência de sua identidade.

O trabalho aqui apresentado teve como um de seus princípios, a realização de uma pesquisa sobre trabalhos já elaborados, que referenciam em seu

¹ Para Borges (1978) um grupo social pode ser considerado como uma união de pessoas em permanentes relações recíprocas, devidamente estabelecidas e estruturadas.

desenvolvimento assuntos relacionados com a memória e seus significados. Foram realizadas pesquisas em periódicos, monografias e dissertações, que identificaram a memória como forma de preservação da história pessoal, bem como o respeito à cultura social.

Além da análise realizada nos trabalhos já desenvolvidos, foi utilizado um estudo de caso como forma ilustrativa, daquilo que registramos, como aprofundamento na pesquisa bibliográfica. O estudo de caso é um Trabalho Final de Curso, desenvolvido em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde a fotografia foi usada como forma de reconstruir a memória, a fim de investigar a vida pessoal e escolar de cada educando.

Neste sentido, a pesquisa realizada e o estudo de caso analisado, não só contribuíram significativamente para o desenvolvimento do trabalho proposto, como também proporcionou uma melhor compreensão da memória como fonte inesgotável de informações e registros, os quais contam partes da história de cada grupo social.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

- Realizar um estudo do significado da memória, sua relação com a história pessoal e social das pessoas, tendo como pressuposto o respeito ao patrimônio social.

1.1.2 Objetivos específicos:

- Realizar uma revisão bibliográfica, de pesquisas e produções que abordaram o tema memória;

- Aproximar o que foi identificado na pesquisa bibliográfica com estudos e fundamentos teóricos que abordam a memória como fator relevante;
- Incluir na pesquisa bibliográfica um estudo de caso como elemento ilustrativo do trabalho realizado.

1.2 Justificativa

Quando pensamos em memória, logo remetemos nosso pensamento ao ato de guardar as ideias, lembranças e o conhecimento adquirido ao longo de nossas vidas. A memória fonte inesgotável de informações é a principal base para a construção da história, e fator responsável para encontrar a eternidade dos fatos. Ela é subjetiva, serve como um guia que revela o passado, emerge de reconstruções seletivas da história, e é a partir dessas reconstruções que é possível construir o contexto em que vivemos.

A memória pode ser classificada tanto como individual quanto coletiva², porém chegará a um determinado ponto onde elas irão se entrelaçar, para reconstruir o passado de uma determinada época social. Dessa forma, é possível dizer que a memória coletiva, criará um elo de vários pensamentos, os quais retém parte do passado e se mantém viva nos grupos, garantindo o sentimento de identidade dos indivíduos.

Leva-se em consideração a relevância de um estudo sobre a memória como um processo de construção social, a fim de incentivar o respeito à cultura, para que seja preservada e mantida. Objetiva-se, com isso, eternizar momentos significativos, proporcionando ao indivíduo um sentido de pertencimento ao seu grupo de referência. Assim, trabalhar com a memória é bloquear o esquecimento do tempo, pois ela é indispensável para a preservação do passado.

² De acordo com Halbwachs (2006), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e essa engloba a memória do grupo e de cada componente dele.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Memória individual e coletiva: Preservação da Cultura Social

O homem, desde sua espécie mais primitiva, sente a necessidade de registrar sua história. Antes em cavernas, na forma de pinturas, hoje nos mais luxuosos e revolucionários meios de comunicação. Dessa forma registram sua passagem, em determinada época e local, conservando suas memórias para a posterioridade.

O homem está inserido em um mundo social, onde as relações sociais o conduzem para seu desenvolvimento. A produção de documentos surge a partir do nascimento, com o registro realizado no cartório, bem como comprovantes de exames realizados nos primeiros dias de vida. Arquivo pessoal pode ser percebido como:

[...] um espaço habitado por seres sociais, capazes de sofrer e provocar mudanças, seres que, para terem evidências da própria existência, munem-se de certidões, carteira de identidade e fotografia [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

Dessa forma ao iniciar a vida, o homem começa a produzir a sua história através de seus documentos pessoais, os quais irão lhe acompanhar por toda sua existência. Cada documento terá suas peculiaridades, formas, suportes, mas independente de suas características, todos irão fazer parte do legado documental do seu detentor, e com o passar dos anos, a esses, serão acrescentados novos documentos, devido às atividades que dizem respeito à vida de quem os produziu, constituindo seu arquivo pessoal.

Neste sentido, arquivos pessoais são:

[...] constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro de uma família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa mesma pessoa, constituem seu testemunho, como um conjunto orgânico [...] (BELLOTTO, 2006, p. 265).

A partir da colocação de Bellotto, constata-se que um arquivo pessoal é fruto das atividades pessoais, que surgem naturalmente e estão organicamente

organizados pelo seu produtor, pois, vão se constituindo conforme a necessidade ou como prova de alguma atividade pessoal.

No mesmo sentido, Tognoli e Barros (2011, p. 77), afirmam que arquivo pessoal é “a materialidade mais contundente na relação que se estabelece entre a memória individual e a coletiva, à medida que os documentos ali encontrados fazem parte do ideário individual de uma pessoa, que fez parte de um grupo [...]”. Ao encontro da colocação dos autores acima, faz-se importante frisar que o arquivo pessoal é todo aquele documento, assim como a memória individual ou coletiva de uma pessoa, que guarda ou conta parte da história e que registra informações significativas acerca da trajetória de cada indivíduo.

Os arquivos pessoais são formados tanto por um acúmulo de papéis quanto por lembranças, as quais estão guardadas apenas na memória de cada indivíduo. Essas lembranças, muito mais do que se pensa, estão envolvidas com as lembranças de outras pessoas ou grupos, pois, o indivíduo faz parte do contexto em que a memória foi registrada, “na construção de uma identidade, as pessoas buscam tanto se diferenciar dos outros quanto com eles se identificar”, Mckemmish (2013, p. 23). Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que o indivíduo procura sua identidade, ou seja, identificar-se em algum grupo que lhe pareça afim.

Para o autor Halbwachs (apud SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 288), “a memória é sempre construída em grupos, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito”. Dessa forma, pode-se dizer que a memória traduz o passado, trazendo, no presente, o pensamento que é de cada um e de todos, contribuindo significativamente para a história dos grupos sociais.

Pode-se ainda considerar que a memória é o entrelaçamento de várias memórias, pois, é a partir das trocas, do que foi vivido, que o passado pode ser transmitido para gerações futuras. Hoje, o mundo conta com mudanças tecnológicas e é em consequência dessa rápida evolução, que a cultura social tenta se manter e reorganizar a memória social, a fim de que possa ser transmitida às próximas gerações.

A memória de um país, da família, das épocas, das instituições integram o conjunto a que chamamos de memória social. Os registros, sejam quais forem, permitem o desenvolvimento da cultura, guardam nossa memória coletiva, o que incide sobre a possibilidade de alterações culturais (DEBRAY, 2000, p. 16).

Dessa forma, é através da memória que as informações do passado serão relembradas e vividas no presente, contribuindo para que novas descobertas aconteçam, pois, o conhecimento perdura entre o passado e o presente. Assim, a continuidade dos grupos sociais se dá a partir da perpetuação da memória, onde essa representa um acervo acumulado de lembranças e transfere experiências vividas pelas diversas gerações.

As memórias coletivas que compõem os grupos sociais, por exemplo, escolas, associações e bairros, completam de alguma forma a memória individual, pois, o homem faz parte do meio em que vive e se relaciona com os demais agentes sociais. Também na mesma perspectiva, Halbwachs (2006), acredita que a duração de uma memória limita-se à duração da memória do grupo. Assim, para que a memória permaneça viva, é necessário que os laços entre os integrantes dos grupos não se rompam, pois com a dispersão desses, a história corre o risco de não mais se encaixar, criando lacunas por falta dos elos entre as memórias.

As memórias quando compartilhadas mantêm-se vivas, constroem a história. Quando ela é individual, cria vínculos com as memórias coletivas, pois ambas são inseparáveis. Na medida em que recordamos nossas lembranças, nos reportamos, também, a história de vida de outras pessoas que dividiram conosco àquele momento, ou seja, assim como a memória individual faz parte do coletivo, o coletivo também está representado na memória de cada indivíduo.

Cultivar a memória é zelar pelo bem estar do ambiente, “a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho”, Leal (2012, p. 3). O indivíduo com suas memórias, ou trocas de lembranças com o seu grupo de referência, constrói ou reconstrói seus pensamentos, parte do instante presente, e se reporta ao passado, revivendo em busca de significados que possam, hoje, justificar suas escolhas.

É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006, p. 67).

Com isso, podemos considerar emaranhados, como sendo as trocas de experiências feitas em determinados grupos, formando uma memória coletiva, onde

todos são responsáveis por constituí-la. De acordo com Simson (2006, p. 1), a memória coletiva é: “[...] aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade”.

Dessa forma, a memória pode ser tratada tanto individual quanto coletivamente e por isso, ressalta-se a importância de sua conservação, pois, contará às ações que serão compartilhadas pelos grupos pertencentes à sociedade. Manter viva a história de uma determinada época é reviver o passado, o qual pode ser contado por documentos, fotos, fatos que comprovam uma história de culturas.

Para Diehl (2002, p 54), “pelo senso comum a memória está intimamente ligada às tradições familiares, grupos com suas idiossincrasias peculiares”. Cada sociedade possui seus costumes, seus valores, os quais somente serão preservados se os indivíduos que a compõe, tiverem o entendimento da permanência da cultura para o futuro. Pois, tudo o que homem produz poderá ser considerado como cultura, como memória do local em que sua história foi constituída.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Uma análise sobre a produção existente com o tema memória e sua relação com a história pessoal e social.

Poucos estudos voltados à Arquivologia se remetem ao termo 'memória' no que se refere à Cultura social, o que, possivelmente, se reflete nas produções acadêmicas. Dessa forma, buscou-se algumas referências sobre a temática memória, com o intuito de relacionar a memória pessoal com a memória coletiva, pois, acredita-se que essa fusão resulta na história e cultura de um determinada sociedade, ou seja, na memória social.

No artigo intitulado, as "Implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais" de Tognoli e Barros (2011), os autores procuram compreender como se constituíram os arquivos pessoais e quais suas características primordiais, baseando-se em uma instituição que faz a coleta desse tipo de acervo. Ao decorrer do trabalho traçam um paralelo entre arquivo institucional e arquivo pessoal, onde o primeiro por ter seu caráter orgânico é baseado em uma estrutura administrativa, não gerando tantas controvérsias na hora da classificação dos documentos. Já os documentos pessoais, além de toda a aplicação da gestão arquivística, ainda há de levar em consideração a produção intelectual, a vida do titular do arquivo, e o contexto em que o indivíduo viveu, ou ainda pertence.

Os autores também ressaltam, que os arquivos que guardam documentos pessoais, não podem ser classificados como uma instituição isolada do contexto social ao qual pertenceram. Assim, o arquivo pessoal não é uma ramificação dos arquivos privados. Ainda neste sentido, o arquivo pessoal é o que estabelece a relação entre a memória individual e a coletiva, na medida em que esta constitui parte do grupo o qual a pessoa fez parte. Assim, os arquivos pessoais dão acesso privilegiado as diferentes formas de registrar vidas, ou seja, abraçam um grande legado documental, que contam parte da história de determinado tempo-espaço.

Santos (2006) traz em seu artigo, intitulado de “Gestão de arquivos pessoais”, uma abordagem a respeito do uso de técnicas e instrumentos arquivísticos para a gestão de informações pessoais. Apresenta um passo a passo, de como elaborar um plano de classificação³ para as informações pessoais.

Para o autor a gestão de arquivos pessoais, deve ser entendida como procedimentos a serem adotados pelo cidadão para controlar e organizar seus documentos pessoais. Com a gestão arquivística, o autor acredita que as informações pessoais não ficaram somente na memória e sim registrada e classificada em algum lugar, pois o arquivo pessoal reflete a identidade do produtor, possibilitando que o indivíduo registre sua vida pregressa.

Esses artigos tratam sobre o valor da preservação dos arquivos pessoais tanto para a organização dos documentos, quanto para posteriormente servirem de pesquisa. Nesse sentido, a organização de um arquivo pessoal, também precisa de um plano de classificação, onde será colocada toda a relação dos documentos que fazem parte da vida de cada indivíduo. No mesmo sentido, para os documentos privados de determinada figura pública ou artística, se faz necessário que o contexto em que esse indivíduo fez parte, seja levado em consideração, a fim de que a memória seja preservada.

Dessa forma, podemos relacionar os dois artigos quando ambos ressaltam a importância da organização dos acervos, para a posterior preservação da memória individual de cada membro, que ao longo dos anos constituirá a história e a memória coletiva de um grupo específico.

Leão (2009) por meio da monografia intitulada “A representação social do patrimônio cultural para a formação do sentimento de pertença do sujeito social”, traz o conceito de que o patrimônio social é fundamentado no processo de identificação coletiva. Ou seja, é a fusão do passado com o presente, a partir dos elementos que formam os grupos sociais e seus significados, construindo sua identidade social. Para ela é necessário que o sujeito compreenda o quanto é importante sua participação ativa para a reconstituição da memória coletiva. Assim, como a compreensão da complexidade e dinamicidade dos significados do processo, o cidadão passa a ser o produto e produtor do seu espaço.

³ Segundo o Dicionário Arquivístico Brasileiro Plano de Classificação pode ser considerado como sendo um esquema de distribuição de documentos em classes, de acordo com os métodos de arquivamento específicos, elaborado a partir do estudo das estruturas e funções de uma instituição e da análise do arquivo produzido por ela.

Neste sentido, para Leão, é fundamental e necessário que o sujeito desenvolva o sentimento de que pertence e que é responsável pelo patrimônio social. A partir dessa compreensão, o processo de socialização é organizado conforme as trocas do sujeito com o meio, onde o indivíduo deve participar da edificação de sua realidade e propor mudanças para o desenvolvimento da sociedade. Após o momento em que o indivíduo participa do meio em que vive, poderá contribuir significativamente para o desenvolvimento e preservação do seu espaço. Pois, todo o processo de produção e preservação do patrimônio cultural se dá a partir da interferência direta ou indireta do homem no meio ao qual está inserido.

Mentz (2011) em sua monografia de Trabalho Final de Graduação, “Lembranças concretas: a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas” traz importantes colocações sobre a preservação do patrimônio cultural, como atitude do cidadão que pertence à sociedade em que vive. A autora faz referência às bibliotecas, como guardiãs da memória tanto individual quanto social. Embora seu trabalho seja mais direcionado para as bibliotecas, como edificações locais que contam a história local, durante todo o trabalho faz importantes ressalvas à memória como parte da história.

Para Mentz, a história não se faz sozinha, ela é composta pelas memórias individuais as quais, pertencente somente ao indivíduo. Em contrapartida, em contato com outros grupos, por exemplo, convívio familiar, escola, igreja, etc. a memória individual passa a ser uma memória coletiva. Ainda, para a autora, os espaços são testemunhas da história, pois, são eles que trazem as informações para que o indivíduo construa a sua memória, ou seja, são lugares de memórias.

Somado a isso, Mentz destaca que na medida em que as pessoas criam seus lugares de memória, as cidades passam pelo mesmo processo de acumulação de memórias, que se somam e acabam por gerar um lugar que pertence a todos. O patrimônio cultural pode assumir a condição de lugar de memória nas cidades, uma vez que possui grande valor social, relacionada a sua participação na construção da identidade social.

As duas monografias aqui apresentadas, trazem importantes colocações referente à preservação da memória social e ressaltam a importância da participação do indivíduo no meio em que vive. Dessa forma estará promovendo suas relações sociais e fazendo parte de algum grupo, que será o de sua referência.

Nessas trocas sociais, o homem estabelece suas relações e cria sua memória individual, da mesma forma que contribui significativamente para a construção da memória coletiva, pois essa se dá através das partes daquela.

Carmo (2011) em sua dissertação, intitulada “Fotografia e memória: a criação de passados” traz a fotografia como uma possibilidade de criar o passado. O autor considera que a fotografia deve ser analisada como memória em si, possibilitadora da criação de passados. Neste sentido, referencia durante o seu trabalho o autor Gilles Deleuze, pois o seu modo de entender a memória vem ao encontro do que parece aplicável à fotografia e às realidades que ela gera quando alguém a observa.

Para Carmo, a memória é entendida como responsável por reter a ordem e a posição das ideias, pode-se se dizer assim, que a memória é o que nos faz repetirmos nossas impressões, ou seja, a memória passa pelas sensações sensório-motoras fazendo uma leitura do passado.

Para o autor acima, a memória é uma forma de recriar um acontecimento com base no presente, isso significa que o aprendizado diante das imagens dá um sentido e se correlaciona com o conhecido. A memória é a criação do passado, diante disso a fotografia é um artefato pelo qual se cria e se imagina esse passado, ela traz sentindo ocultos, uma história por de trás, desconhecida por quem apenas observa, portanto, a imagem fotográfica tem uma mensagem para cada um de seus observadores.

Neste sentido, Carmo destaca que a imagem iconográfica se apresenta em duas linhas, explícita e implícita. Onde a primeira determina os elementos que contribuíram para a materialização, seus assuntos, fotógrafos e tecnologias. A segunda propõe uma recuperação do inventário de informações codificadas na imagem fotográfica, parte dos detalhes icônicos.

Carmo afirma ainda, que a fotografia é o registro de um fenômeno, ela traz muitos enigmas a serem decifrados, assim permitindo ao indivíduo transitar pela história por meio de seus pensamentos. A memória reúne significados que são acionados pela fotografia, ela serve de instrumento para despertar pensamentos outrora esquecidos, onde cada fotografia carrega um pedaço do mundo arquivado. O autor encerra o seu trabalho ressaltando a importância do pensamento de Deleuze, onde o mesmo leva o pensamento de que a memória é um simulacro, ou seja, a capacidade que temos de imaginar e atualizar um determinado fato, com base no que nos é presente, nos permite, exatamente, criar novas realidades.

Oliveira (2011) a partir de uma entrevista com os alunos do Instituto de Educação Euclides Dantas – IEED, apresentada em sua dissertação: “Memória social do Aluno-trabalhador sobre a Escola Noturna”, procurou analisar a memória do aluno-trabalhador a respeito da escola noturna e os debates de educação no cenário atual. Apresenta, também, uma breve relação da história da educação e sua evolução, principalmente da escola noturna, onde quem frequenta é, na maioria, alunos que trabalham durante o dia.

Em relação à memória Oliveira faz menção à Halbwachs, o qual salienta que a memória individual começa no coletivo, e contribui para reconstruir os fatos mediante solicitações do presente. Assim posto, a memória é considerada como um caminho de lembranças que são passadas de geração para geração, conduzindo e aprimorando os conhecimentos produzidos pela comunidade e orientando o sujeito para suas ações em seus grupos sociais.

Oliveira entende ainda, que as representações sociais conduzem as ações do sujeito, justificando suas atitudes perante a sociedade, guiando o trabalhador a frequentar a escola. O recinto escolar deve oportunizar ao aluno uma forma de construir e/ou reconstruir sua história, produzindo significações para os discentes estarem novamente frequentando a escola. Dessa forma, resgatar a memória dos educando, possibilita-os compreender que a partir da relação entre o “eu” e a prática social que iram realizar a leitura ou a releitura, do seu mundo.

As dissertações trazem significativas experiências, onde uma busca a fotografia como sendo a memória em si, ou seja, ela é carregada de significados e esses podem ser considerados tanto explícitos, que é o que podemos observar a olho nu, ou implícito que será apenas desvendo por que a retratou. Dessa forma, podemos dizer que a fotografia não tem apenas um único significado. E é através dos seus mistérios e indagações, que oportuniza ao seu leitor muitas formas de ver o passado e construir o presente e o futuro.

Enquanto a outra dissertação a partir de entrevistas com alunos que participaram da pesquisa, o autor traz significativas colocações em relação a importância da memória para a compreensão do mundo atual. Onde o autor constata que a escola deve oportunizar para seus alunos novas formas de construir e reconstruir sua história, como também resgatar suas memórias, possibilitando ao educando compreender a sua relação com o mundo que o cerca.

Através das relações, entre os trabalhos, aqui expostos, foi possível analisar os diferentes contextos em que a memória, tanto individual quanto coletiva, surge como forma de preservação social. Sendo a memória uma fonte inesgotável de história é necessário que, desde já, ela seja motivo de preocupação de grande parte da humanidade que procura por preservá-la e mantê-la viva, nos diferentes grupos sociais.

3.2 Um estudo de caso sobre a memória pessoal e social

A memória de um indivíduo pertence somente a ele. Elas ficam guardadas no seu esconderijo mais secreto, e somente será acessada por ele, se assim o desejar. Porém, ao relacionar sua memória com a memória de outros indivíduos, elas em algum determinado momento, formam a memória coletiva. Para Halbwachs (2006) a memória coletiva vem sempre carregada de significados e histórias para um determinado grupo e contribui para a construção social desse. As memórias individuais irão resultar em vivências e experiências pessoais dos indivíduos, e que essas vivências e experiências, estão intimamente ligadas ao grupo, ao qual pertence.

Por meio de um estudo de caso, pretendesse aqui, ilustrar o quanto se torna importante trabalhar com a memória pessoal, como forma de resgate e preservação da cultura social em diferentes grupos, em especial, o escolar. O trabalho foi desenvolvido no Colégio Coronel Pilar, na cidade de Santa Maria/RS, no ano de 2013. Para a realização fez-se uma análise de fotografias, onde foi possível reconstruir as memórias dos alunos da uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Essas análises possibilitaram conhecer o contexto social em que esses alunos estavam inseridos, assim como suas dificuldades, medos, angústias e sonhos em relação ao retorno à sala de aula, e sua inserção no meio social.

Através da interpretação das fotografias e do relato dos alunos quando indagados sobre seu passado, foi possível evidenciar a grande dificuldade que ainda hoje é encontrada na alfabetização de jovens e adultos. Esse trabalho também possibilitou analisar como eles veem a escola em seu dia a dia, bem como de que forma o ambiente escolar contribui para sua formação social.

A fotografia, enquanto 'evocador de memória' possibilitou construir mecanismos de aproximação com os alunos. Por meio das fotos, foi possível vivenciar e resgatar um todo ou partes, de momentos especiais da vida dos educandos, uma vez que, esse registro serve como fonte de mediação entre o passado e o presente, bem como podem contribuir para o resgate da memória.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi solicitado aos alunos que trouxessem algumas fotos que contassem parte de sua trajetória até os dias atuais. Alguns alunos da turma participante da pesquisa, em especial aqueles mais velhos, encontraram dificuldades na realização dessa tarefa, possivelmente, pelo fato de que em tempos mais remotos a fotografia tinha outro sentido e alto custo.

Ao responder a alguns questionamentos, os alunos puderam retratar parte de suas vidas. Com isso, a fotografia, neste contexto, serviu como ferramenta de encontro com as lembranças, onde, tiveram a oportunidade de rememorar sua trajetória, refazer planos, que haviam sido esquecidos e que, talvez, não teriam sido despertados se não houvesse esse resgate. Lembrar é reviver, a fotografia é a ligação da nossa memória com o nosso passado, ela representa em uma única imagem grandes significações para quem a detém.

3.2.1 Alguns relatos das memórias dos educandos

O uso da memória social como mecanismo mobilizador das significações, possibilitou a descoberta de detalhes reveladores sobre cada um dos educandos. Ao serem indagados sobre a trajetória de suas vidas, alguns tiveram receio em responder as perguntas. Acredita-se que esse bloqueio se deve ao fato de estarem, enfrentando a timidez e a insegurança, para compartilhar suas memórias com outra pessoa fora do seu círculo ou convívio social. Oliveira (2011, p. 83) contribui dizendo que "diante de uma fotografia não olhamos apenas para ela. Sempre olhamos para a relação entre nós e ela".

Com o intuito de melhor expor o resultado dessa intervenção, as falas dos alunos e a análise desse compartilhamento, serão descritas a seguir. A fim de preservar suas identidades os participantes serão identificados por meio de números.

A aluna nº 1 trouxe uma fotografia registrada em Capão da Canoas-RS. Ela estava em uma excursão escolar, na qual acompanhou sua sobrinha, que no momento da viagem estava na 1ª série. Não era uma fotografia escolar, pois ela justificou não ter nenhuma recordação dessa época. Ao ser questionada sobre suas expectativas, respondeu que estava gostando de estar novamente frequentando a escola e que gostaria de ser atendente de balcão. A aluna relatou ainda que sua sobrinha lhe ajuda nos estudos em casa.

Diante da fala da aluna, pode-se inferir que mesmo não tendo sido exigido que a fotografia fosse um registro do período escolar, ela se justifica por não ter trazido uma. Esse fato pode ter relação com a falta de incentivo dos pais para a mesma frequentar a escola, como foi mencionado por ela durante a entrevista.

Outro aspecto considerado significativo foi o fato da aluna ter escolhido um registro em que acompanhava a sua sobrinha em uma excursão escolar. Pois, volta a mencioná-la como sua atual ajudante nos estudos. Dessa forma, supõe-se que a foto lhe remeta a um contexto escolar, por ela não vivido, e ao mesmo tempo retrata a relação dela com a sobrinha.

A partir da análise, pode-se ilustrar a ideia de que a memória individual está diretamente associada à memória coletiva e, conseqüentemente, integram a cultura social. Infere-se que ao trazer o registro de uma memória vivenciada, no coletivo, a aluna nº 1, entrelaça memórias, ou seja, rememora partes de um todo, incluindo em suas lembranças, relacionadas ao contexto escolar, a participação da sobrinha.

A aluna nº 2 trouxe duas fotos. As fotos apresentadas foram registradas quando ela tinha entre dois e três anos de idade. Em uma das fotos ela relatou que estava na praia com toda sua família, na outra estava no quarto de uma prima. Considera-se importante destacar que a aluna nº 2, foi a única aluna a trazer uma foto que retratasse a sua infância, como solicitado na atividade, o que pode-se associar ao fato dela ser a aluna mais jovem da turma.

Ela frequentava a turma da EJA, por haver se habituado aos colegas. Esse é outro ponto a ser destacado, a relação da aluna com a turma participante, pois ela enfatiza a sua convivência como um estímulo para a sua permanência no EJA.

Acerca disso, podemos inferir que suas vivências e experiências com a turma são significativas, uma vez que aquele ambiente lhe parece acolhedor. Também lhe foi questionado sobre seus projetos, após concluir os estudos, respondeu que

gostaria de ser vendedora ou atendente de loja, pois já tinha trabalhado neste cargo e gostaria de desempenhá-lo novamente.

É possível constatar que a aluna nº 2, apesar de ter trazido fotos da sua infância, a sua fala foi voltada para memórias recentes. Possivelmente, a aluna tenha se reportado as suas vivências em conjunto com a turma, pois, diferente das lembranças das fotos, as memórias coletivas, neste contexto escolar, estejam mais afloradas. Como já tratado ao longo do trabalho, a memória coletiva está sempre carregada de significados, e contribui significativamente para a construção da história dos grupos sociais.

Para Simson (2006, p. 6), “a cultura dos agrupamentos sociais são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmago da sociedade”, dessa forma, é possível ressaltar que a aluna acima, está participando de um grupo, o qual elegeu, para realizar trocas e socializar-se, uma vez que é a partir da socialização dos sujeitos que a sociedade se transforma e cria sua história.

O aluno nº 3 trouxe uma fotografia 3x4 a qual era da carteirinha de quando participou de um Grupo de Centro de Tradições Gaúchas (CTG). Da mesma forma, que a aluna nº 2, faz menção a um determinado grupo social, com o qual, possivelmente, partilhou suas vivências e suas memórias. O convívio em grupos faz com que se tenha o grupo como uma referência nas relações sociais.

Desta forma, o indivíduo faz parte das memórias coletivas, da mesma maneira que o coletivo faz parte de suas memórias individuais. Ao ser questionado sobre sua vida escolar, relatou que completou o Ensino Fundamental na Escola Francisco Lisboa em Santa Maria/RS, em uma turma regular de ensino. Para concluir o Ensino Médio, há três anos frequenta o Colégio Coronel Pilar, na turma da EJA.

A partir da análise as respostas dos alunos, é possível constatar que seus grupos de referência têm um significado marcante em suas vidas. A aluna nº 2 frequenta a turma para socializar-se, ou seja, estar em meio aquele grupo, já o aluno nº 3, traz como recordação uma fotografia que retrata a época em que fazia parte de um grupo, que possivelmente deixou lembranças positivas.

Em relação aos grupos de referências ou no mesmo sentido, os grupos sociais, Halbwachs (2006) coloca que as memórias são construções desses grupos e são eles que irão determinar o que será memorável para o sujeito e o que ele irá preservar durante sua vida.

A aluna nº 4, trouxe uma fotografia que retratava o período em que estava realizando um trabalho voluntário com crianças da comunidade em que morava. Ao ser questionada sobre seus sonhos futuros, relatou que queria aprender a ler e escrever. Também deseja no futuro fazer uma graduação, para trabalhar com orientação de grupos.

Através da análise do relato da aluna, podemos inferir o quanto o convívio em grupos, proporciona estímulos para que ela continue a exercer suas atividades. É possível constatar também, que essas relações traçadas com diferentes grupos, ora com colegas da escola, ora com crianças carentes, proporciona a aluna participar de diferentes grupos e de diferentes culturas.

Barthes (1984 p. 129) afirma que “toda fotografia é um certificado de presença”. Assim, uma fotografia nos diz muito mais do que o momento em que ocorreu o seu registro, ela nos leva a descobrir um vasto horizonte, época, cultura e comportamento. Onde todo esse resgate, irá contribuir para que o indivíduo objetive novos horizontes, buscando no passado, soluções para o presente. Dessa forma, com o trabalho em grupos sociais é possível alargar relações, construir pontes, elos de histórias e partilhar memórias.

O aluno nº 5 não trouxe nenhuma foto. Por problemas de comportamento e relacionamento, estava em uma turma da EJA para socialização. Quando questionado do que estava achando das aulas, e qual era seu sonho para o futuro, respondeu que gostava de frequentá-las e que no futuro gostaria de ser caminhoneiro. Anteriormente frequentou a Escola Aberta em Santa Maria-RS, e relatou que gostava de estudar lá, porque as regras a cumprir não eram tão rigorosas.

Quando o aluno relembra que se sentia melhor no grupo em que frequentava anteriormente, é possível constatar que o seu antigo grupo de referência, lhe parecia mais afim, atendia suas expectativas no âmbito escolar. Ao se relacionar com diferentes grupos, é possível traçar novas expectativas em relação a ele, ao final, nem sempre serão positivas, ou irão ao encontro do esperado, mas essas relações irão criar memórias diversas, que serão acessadas conforme forem requeridas pelo indivíduo.

Neste sentido, para Leal (2012, p. 4), “a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele

participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho”.

O aluno nº 7, era o mais velho da turma, levou sua identidade, pois não tinha nenhuma foto em casa. Seu sonho era aprender a ler, para pelo menos saber o que está escrito no ônibus, como relatou durante o questionamento. Quando questionado sobre porque havia parado de estudar, respondeu que a vida não tinha sido fácil, e que desde pequeno teve que trabalhar, e não tinha tempo para os estudos.

A partir do relato desse aluno, é possível inferir que ele, se entristece pelo fato de não saber ler nem escrever. Ao acessar sua memória para descrever suas expectativas, ele possivelmente tenha rememorado a época em que não lhe foi permitido ir à escola, porque tinha que trabalhar. Nem sempre a memória irá trazer boas lembranças, pois, nela estarão as marcas mais profundas, boas ou ruins. O sujeito por muitas vezes não irá acessá-las, pois, esse sentimento lhe causa perturbações e desconforto.

Da mesma forma, que o aluno nº 7, que pouco conseguiu acessar suas memórias, talvez por alguns bloqueios, a aluna nº 8, quando questionada sobre suas fotos, apenas relatou que as tinha deixado guardadas na casa da avó, a qual tinha falecido há poucos meses.

Pode-se notar que através da análise das respostas da aluna, ela não tinha interesse em compartilhar suas memórias, pois, talvez elas a remetesse a um lugar, o qual a aluna não gostaria de partilhar. Cabe aqui salientar também, que possivelmente a negação da aluna, ao responder ao questionário fosse por ainda estar se habituando ao ambiente, pois não fazia muito tempo que estava frequentando a turma.

As lembranças apresentam graus diferentes de complexidade em sua evocação, pois as que ressurgem mais facilmente e estão sempre ao alcance pertencem aos grupos em que se tem mais liberdade, relacionamento estreito, ambientes familiares, enquanto que em outros grupos as relações são mais restritas, quase invisíveis (MENTZ, 2014, p. 31).

Ao rememorar partes do passado dos educandos, foi possível avaliar o quanto a memória, individual ou coletiva é importante para a permanência da cultura social. Através de cada lembrança é possível formar um todo, que contará parte da história individual e que estará diretamente relacionada a algum grupo. A fotografia

reconstrói algumas emoções já esquecidas e apagadas com o tempo, de acordo com Bosi (2003, p. 56) “[...] é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo de sua experiências [...]”. Dessa forma, respeitando os sentimentos dos educandos, é possível descobrir parte do contexto em que eles estavam inseridos, assim como também descobrir alguns sonhos, algumas expectativas e até mesmo frustrações das suas trajetórias.

A memória e o que foi resgatado com ela fazem parte do progresso dos alunos e é a base para que possam compreender a sua função social e o comprometimento que todos têm com seu grupo de referência, criando assim um elo de pertencimento e compromisso com tal.

4 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A elaboração desse trabalho foi dividida em dois momentos distintos, mas que se complementam no decorrer do trabalho. No primeiro momento foi realizada uma seleção de obras relacionadas a memória e sua relação social, as quais serviram de embasamento para a construção do referencial teórico. Posteriormente a essa etapa, fez-se uma pesquisa em trabalhos já elaborados, que faziam referência à temática abordada no trabalho, ou seja, a memória. Por fim, para exemplificar a pesquisa realizada, foi apresentada uma análise de um estudo de caso que ilustra os indicadores apontados pela pesquisa.

Na primeira parte do trabalho, a pesquisa bibliográfica deu-se em torno da questão da memória em âmbito geral (coletiva) e específico (individual), além de estudos sobre memória social, a fim de relacionar estes dois aspectos. Como base da pesquisa utilizou-se uma bibliografia em que os autores, citados no decorrer do trabalho, são referências no campo em estudo.

Em outra etapa, a fim de complementar o trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica, atemporal, em monografias, artigos científicos e dissertações em língua portuguesa. Para a busca de trabalhos acadêmicos, foram utilizados os seguintes portais: Periódico Ponto de Acesso e o Periódico Arquivística.net. Foram selecionadas, também, duas monografias e duas dissertações, por meio de pesquisas online no sítio das instituições, a saber: Universidade Vale do Rio Doce e Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Por fim, foram utilizados alguns dados do Trabalho Final de Graduação: “Memória e Fotografia: que podem nos contar sobre os alunos de Educação de Jovens e Adultos”, defendido em agosto de 2012, pela mesma autora deste trabalho. A fotografia foi usada como uma ferramenta de aproximação, para que pudesse ser realizada uma entrevista semi-estruturada (GIL, 1999), com as seguintes questões: (1) Onde foi registrada essa fotografia? (2) Ela leva a refletir sobre o que? (3) Em que momento da sua vida decidiu parar de estudar? (4) Porque tomou essa decisão? (5) O que fez retornar a Escola novamente? (6) Qual é seu maior sonho após se formar.

Os dados trazem a memória, como sendo essencialmente coletiva e relaciona a capacidade de lembrar mediante a presença no grupo. As ideias contidas nele relacionam a fotografia e a memória em um contexto escolar, numa turma de Educação de Jovens e adultos. Neste sentido, fez-se uma breve análise desses dados, a fim de relacioná-los com a memória individual e a memória coletiva, bem como a relação de ambas com o a cultura e identidade social.

5 CONCLUSÃO

Uma determinada lembrança não faz parte somente da memória de um indivíduo, mas sim de uma memória coletiva, que pertence a todos que fizeram parte daquele determinado grupo. Podemos dizer então, que a memória individual e de cada indivíduo, mas que em outro contexto, essas memórias adquirem novo significado. Neste sentido, em análise as questões apontadas no trabalho, podemos constatar que a memória não é uma construção apenas individual, e sim social e coletiva.

É possível frisar também que a memória coletiva é formada por pequenas fagulhas das memórias individuais, que em determinado tempo-espaco se entrelaçam constituindo e construindo a história, contribuindo para a preservação da cultura social que é de responsabilidade de todos. Neste sentido, é preciso a união das memórias individuais para que a história não se perca no tempo.

Neste contexto estudado, o trabalho focado na preservação da memória passa ser de extrema importância, posto que se torna uma maneira de regressar ao passado vivendo o presente, ou seja, é possível recordar e reviver tempos remotos, e neste sentido criar um sentimento de pertinência no grupo de convivência. Onde ao relacionarmos com outros grupos, estamos construindo nossa identidade, a qual é a soma da memória que herdamos e das releituras feitas, ao longo dos anos, do mundo em que fizemos parte.

Por meio desse estudo, foi possível a descoberta ou a redescoberta, do quanto a fotografia é um evocador de memórias. Destaca-se, também, o entendimento que, somente com a participação ativa dos sujeitos, no processo de preservação da cultura Social o sujeito desenvolve um sentimento de pertinência ao seu grupo de referência. Pois, na medida em que se torna mais participativo e presente aumenta seu grau de envolvimento para com o espaço que ocupa e com o patrimônio social. Dessa forma, através desse envolvimento, consegue contribuir na perpetuação do passado coletivo, pois o homem cria e/ou recria elementos para uma nova compreensão dos significados do contexto que pertence.

Neste sentido, ao fim desse trabalho, é possível frisar que a memória é parte dos significados criados por cada indivíduo, que ao traçar relações com seu grupo

social, constrói sua própria identidade. E é a partir dos espaços de trocas, por exemplo, a escola, que as heranças deixadas continuamente ganham significados e resinificados através da dimensão social que a educação proporciona. Onde através desta relação do “eu” e a prática social, o indivíduo descobre e redescobre através da cultura que lhe é deixada o seu papel social.

Portanto, a memória enquanto elo do presente com o passado, forma um todo entre o que foi vivido, e o que está sendo construído no hoje. Esse elo será a base da construção social que ganha significado através dos grupos sociais. A memória é vida, carregada por grupos vivos e sempre aberta à evolução.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BORGES, V. R. **Iniciação à sociologia**. 1978. Disponível em: <http://www.valterda rosaborges.pro.br/Sociologia>. Acesso em: 13 de out. de 2014.

CARMO, R. G. **Memória Social do Aluno-trabalhador sobre a Escola Noturna**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgmemorials/dissertacoes/Carmos-R-G.pdf>. Acesso em 16 set. de 2014.

DEBRAY, R. **Transmitir: o segredo e a força das idéias**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica: Memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL, L. A. M. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos.php>. Acesso em: 15 set. de 2014.

LEÃO, M. S. **A representação social do patrimônio cultural para a formação do sentimento de pertença do sujeito social**. Governador Valadares, 2009. Disponível em: [http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Arepresentacao socialdopatrimonioculturalparaformacaodosentimentodepertencadosujeitosocial.pdf](http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Arepresentacao%20socialdopatrimonioculturalparaformacaodosentimentodepertencadosujeitosocial.pdf). Acesso em 16 set. de 2014.

MENTZ, P. **Lembranças concretas: a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37624/000823600.pdf?sequence=1>. Acesso em 16 set. de 2014.

OLIVEIRA, I. C. B. **Arquivos pessoais, arquivo de memória e o processo de indexação**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, R. L. S. **Fotografia e memória: a criação de passados**. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgmemorials/dissertacoes/Oliveira-R-L-S.pdf>. Acesso em 16 set. de 2014.

SANTOS, V. B. **Gestão de arquivos pessoais**. Base de dados referencial de artigos de periódicos em ciências da informação. *Arquivística.net*, V. 4, n. 11, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007806&dd1=a9b53>. Acesso em 16 set. de 2014.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Instituto de Psicologia- USP, p. 285-298. São Paulo, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/ALEX%20MARIN/Downloads/34481-40433-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 out. de 2014.

SIMSON. O. R. M. V. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: O exemplo do centro de memória as Unicamp**. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/temas.html>. Acesso em: 09 set. de 2014.

TOGNOLI, N. B.; BARROS, T. H. B. **As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais**. *Periódico Ponto de acesso: Salvador*, V.5, n.1, p. 66-84, abr 2011. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4868/3665>. Acesso em 16 set. de 2014.

TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.